



FAUNA BRASILEIRA

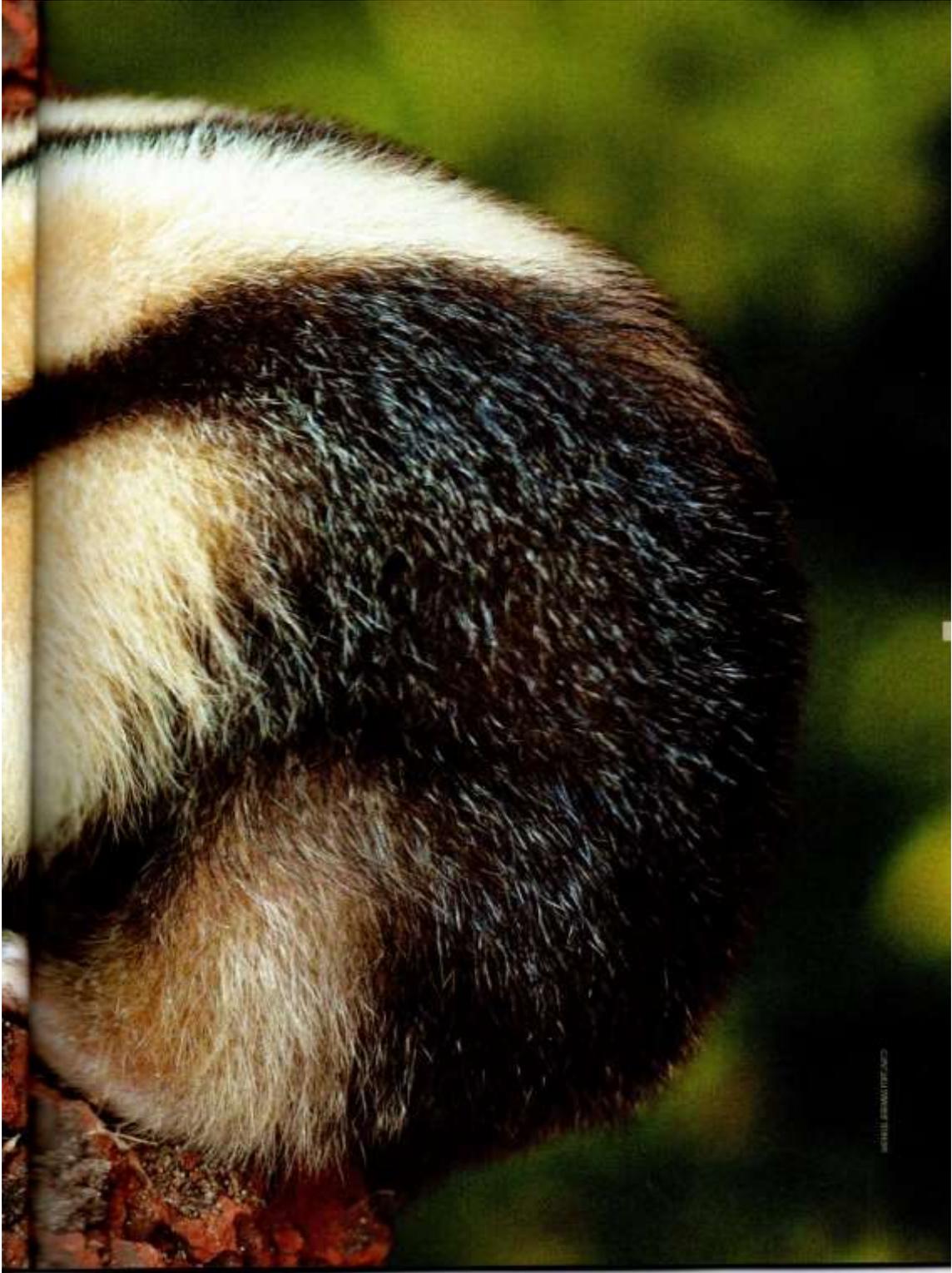
FAUNA BRASILEIRA

18

O intrumetido indefeso

Discreto e silencioso, o tamanduá-mirim frequenta todo tipo de ambiente, fiçando o que quer encontre pelo caminho com seu olfato apurado. No entanto, não consegue farejar o perigo nas estradas e nas queimadas...

TEXTO LLANA JOHN





ive metendo o focinho em todo canto. Mas não o faz por mal. A visão e a audição não são muito boas e o tato é grosseiro, nas mãos dotadas de 4 dedos com unhas fortes e desenvolvidas, adaptadas para despedaçar cupinzeiros e ocos de madeira na busca por formigas e cupins. Resta o olfato para se orientar. E seu focinho comprido e estreito é mesmo feito para investigar esconderijos de insetos, que consegue farejar com precisão.

Assim é o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), o mais versátil das 3 espécies de tamanduás com ocorrência no Brasil. O tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) – o maior deles, com cerca de 30 quilos – é exclusivamente terrestre. O tamanduá (*Cylindropsylla didactyla*) – o menorzinho, com meros 250 gramas – é apenas arbóreo e raramente desce ao chão. Mas para o tamanduá-mirim – com 5 kg, em média – tanto faz circular pelo solo ou no alto das árvores. Onde o nariz o levar, ele vai.

O olfato também conduz o errante solitário a um eventual parceiro, quando é época de acasalamento. E ainda avisa sobre a presença de outros tamanduás nas redondezas, graças às marcações deixadas por secreções de glândulas anais, que eles esfregam por onde passam. Como os demais comedores de formigas e cupins, porém, os tamanduás-mirins têm baixo metabolismo e baixa temperatura corporal. Isso significa que processam o alimento lentamente – algo interessante para um animal com uma dieta rica em ácido fórmico – e se movimentam lentamente. Para andar no chão, inclusive, o tamanduá-mirim precisa dobrar as unhas para dentro e se apoiar sobre as laterais externas das mãos, de modo a não se ferir.

Quando sobe em cupinzeiros ou em árvores, as unhas compridas e fortes se mostram muito úteis, assim como na procura de alimento, para quebrar a terra dura do cupinzeiro ou abrir buracos em troncos de árvores para descobrir a parte mais 'suculenta' dos formigueiros. Mas atrapalham na hora de fugir e essa dificuldade torna a espécie muito vulnerável ao fogo – sejam queimadas agrícolas ou incêndios florestais – e à fragmentação de seu ambiente por rodovias.

"Devido à expansão da agricultura e das cidades, os tamanduás vêm perdendo seu habitat e são obrigados a transitar muito, estão sempre se movimentando e, como são lentos, com hábitos crepusculares, são muito atropelados nas estradas", explica a veterinária Flávia Miranda, coordenadora do Projeto Tamanduá. Durante sua evolução, provavelmente os tamanduás não precisaram desenvolver velocidade, pois não têm que correr atrás de suas presas e nem estiveram sujeitos

FUCADOR

O olfato apurado compensa as fracas visão e audição. Nas fotos menores, uma cena comum: tamanduá atropelado na beira da estrada; e a coleta de sangue pelos pesquisadores Alexandre Martins (de bone) e Flávia Miranda



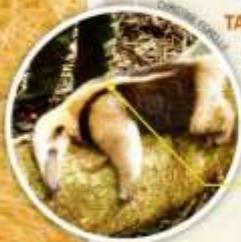


Uma família muito diferente

A família dos 'comedores de formigas' americanos - *Myrmecophagidae* - tem apenas 3 gêneros e 4 espécies.

O TAMANDUÁ-BANDEIRA (*Myrmecophaga tridactyla*) **E O TAMANDUÁ** (*Cyclops didactylus*) são espécies únicas em seus gêneros. E no terceiro gênero - *Tamandua* - figuram somente 2 espécies, de distribuição distinta:

TAMANDUÁ-MIRIM, TAMANDUÁ-DE-COLETE OU MELEIRO (*Tamandua tetradactyla*) - Ocorre na América do Sul, da Venezuela ao Sul da Argentina, incluindo todos os biomas brasileiros, do nível do mar a 2 mil metros de altitude. Vive em florestas secas ou úmidas, em meio à vegetação fechada ou aberta, mas prefere sempre a proximidade de cursos d'água. Pesa entre 4 e 6 kg e mede de 53 cm a 88 cm de comprimento, com uma cauda semipreênsil de até 59 cm. O tom da pelagem varia muito de indivíduo para indivíduo, do bege bem claro ao marrom escuro. O tamanho do 'colete' - a mancha escura no dorso - também varia muito.



TAMANDUÁ-MEXICANO, URSO-FORMIGUEIRO (em espanhol, oso-hormiguero) ou membru (*Tamandua mexicana*) - Ocorre do Sul do México à América Central e Norte da América do Sul, incluindo Venezuela e Peru. Habita florestas primárias ou secundárias e savanas. Pesa de 2 a 7 kg. Mede até 77 cm, com uma cauda semipreênsil de 67 cm. Tem um 'colete' em forma de V no dorso, mais escuro do que a pelagem do corpo, que em geral é bege.

Na África e na Ásia existe outra família de comedores de formigas e cupins, a dos pangolins. São 8 espécies da família *Manidae*, todas do gênero *Manis*, uma das quais é considerada extinta. A característica mais marcante dos pangolins é ter o corpo todo recoberto por placas grandes, semelhantes a escamas, que na verdade são pelos modificados e aglutinados.





a fortes pressões de predação. Agora, com tantas estradas cortando seu caminho, seria interessante andar mais rápido, mas provavelmente eles não terão tempo de evoluir para escapar aos nossos veículos.

Segundo a veterinária, embora a espécie não seja considerada ameaçada de extinção, suas populações estão em declínio. Além dos atropelamentos, eles são vítimas frequentes de incêndios e queimadas. "Nesta época, de fim de inverno, é muito comum serem recolhidos animais com queimaduras ou feridos nas estradas. Os centros de recuperação de animais silvestres e zoológicos ficam cheios de tamanduás-mirim feridos ou filhotes que perderam a mãe".

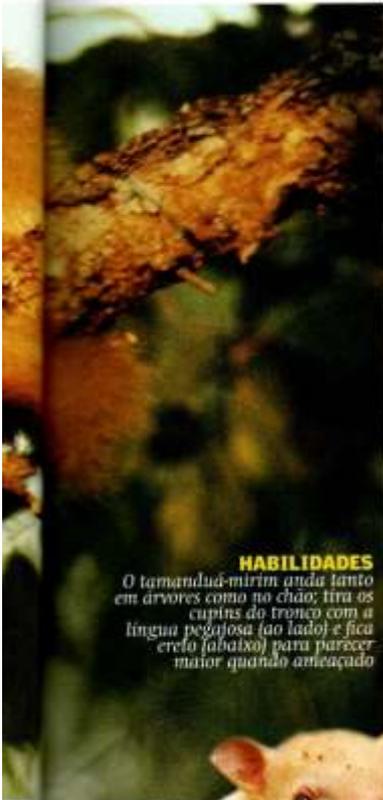
Na opinião de Flávia é crucial estabelecer um plano de conservação para a espécie,

Em cativeiro ele morre depois de alguns meses

considerando a pressão da perda de habitat nos diferentes biomas. Porém, faltam estudos básicos sobre o animal na natureza, sua área de vida, seu comportamento, sua dieta, etc. Praticamente tudo o que se conhece sobre o tamanduá-mirim é fruto de observações feitas em cativeiro ou levantamentos gerais, que englobam diversas espécies, e não focados apenas no tamanduá-mirim. O trabalho científico mais aprofundado,

com observação sistemática em campo, é o da norte-americana Christine Fiorello, da Universidade da Geórgia, que estuda nutrição e ecologia do tamanduá-mexicano (*Tamandua mexicana*), em Honduras.

Embora só tenha alguns resultados bem preliminares – pois o estudo está no início – Christine acredita que o tipo de habitat ocupado determina o padrão alimentar dos tamanduás. Em entrevista por internet, ela diz que os animais de Honduras são preferencialmente arbóreos, enquanto os do México são mais terrestres, pois o atropelamento em estradas lá também é frequente. A morte por caçadores, em Honduras, é acidental, se o tamanduá passa perto de caça-



HABILIDADES

O tamandua-mirim anda tanto em árvores como no chão; tira os cupins do tronco com a língua pegajosa (ao lado) e fica ereto (abaixo) para parecer maior quando ameaçado



PHOTO: JEFFREY M. HOFFMAN

TERRA DA GENTE | fauna brasileira



dores ou é confundido com gatos selvagens. Naquele país parece existir uma boa população, a espécie ainda é bastante comum, mas seu estado de conservação só será bem conhecido com mais pesquisa.

"Aqui no Brasil, dada a falta de informações e a necessidade urgente de conhecer melhor a espécie, resolvemos aproveitar o fato de termos mais de 60 amostras de sangue, pelos e peles de

animais apreendidos ou resgatados e demos início a um estudo genético, comparando animais de regiões diferentes, com o objetivo de saber se existem subespécies ou populações geneticamente distintas", conta Flávia, que tem apoio financeiro da Wildlife Conservation Society (WCS) e da Fundação O Boticário de Conservação da Natureza e trabalha neste projeto junto com a bióloga Nádia de Moraes-Barros, da Universidade de São Paulo (USP).

Os primeiros resultados devem ser publicados ainda este ano e, em seguida, a equipe pretende trabalhar com o material depositado em museus, para ampliar o estudo. "A pesquisa deve nos fornecer dados importantes para um futuro plano de conservação da espécie, mas é só a pontinha do fio da meada", continua a veterinária. "Na

PHOTO: JEFFREY M. HOFFMAN

**GARRAS AFIADAS**

As unhas fortes e bem desenvolvidas servem para o tamandua abrir buracos no cupinzeiro e lascar a madeira (à dir.) na busca por alimento

verdade, é preciso fazer um levantamento sistemático, com mapeamento da distribuição geográfica no Brasil, para então estabelecer áreas prioritárias para sua conservação. É fundamental criar um centro nacional de pesquisa e conservação, como existem os de carnívoros, répteis, primatas e outros. Praticamente não sabemos nada sobre o tamandua-mirim de vida livre”.

E também não se sabe bem como manter esse bicho em cativeiro. Mesmo com a oferta constante de cupins, em geral eles morrem após alguns meses. Nos zoológicos dos Estados Unidos, segundo informa Christine Fiorello, vários tamanduás foram diagnosticados com diabetes, talvez por excesso de carboidratos em sua dieta ou falta de algum nutriente crítico. “O tamandua-mirim sofre muito em cativeiro devido à sua aparência ‘fofinha’ e tranquila. Como ele não tem dentes, não pode morder, en-

O ‘abraço’ é o último recurso de autodefesa

tão as pessoas o pegam na mão, põem no colo, sem perceber que ele está num estresse absoluto. O animal chega a ‘chorar’ uma lágrima leitosa, eventualmente confundida com algum tipo de infecção. Quando ocorre esse gotejamento, o tamandua está no pico adrenal, no auge do estresse”, adverte Flávia.

Com frequência, diante do homem, o tamandua-mirim assume sua postura defensiva, em pé, apoiado nas patas traseira e na cauda, com os braços abertos, na intenção de parecer maior aos olhos do potencial predador. Essa habilidade de ficar ereto deve-se a articulações dife-

renciadas, localizadas entre as vértebras lombares. É o que, aliás, dá o nome à ordem à qual pertencem todos os tamanduás, além dos tatus e das preguiças – Xenarthra, do grego *xenos* = estranho e *arthros* = articulações. A postura ereta é igualmente útil durante a alimentação ou para observação do entorno durante as movimentações.

O famoso abraço de tamandua seria o último recurso, no caso da ameaça persistir. As únicas armas do tamandua-mirim são suas unhas afiadas, que procura cravar no predador ao ‘abraçá-lo’. Porém, ele não tem nem ao menos a força ou o tamanho do tamandua-bandeira, embora eventualmente consiga se defender de carnívoros menores. Na natureza, o mirim tem onças, cobras constritoras e aves de rapina como predadores. Diante das ameaças impostas pelo homem, é



MARCELO BASSO/ISTOCK

TERRA DA GENTE | fauna brasileira

praticamente indefeso.

Pelo interior do Brasil há quem crie tamanduás-mirins como bicho de estimação. E há quem os caça para comer, caso dos índios guarani e de comunidades do semiárido nordestino ou mesmo do Cerrado. A carne é forte e com cheiro de ácido fórmico, mesmo assim a pressão de caça chega a ser considerável.

A taxa de reprodução da espécie é baixa e, portanto, dificilmente dá conta de compensar qualquer tipo de caça ou reverter o declínio da população devido a atropelamentos ou queimadas. A fêmea gera apenas um filhote a cada 2 ou 3 anos. A gestação dura de 130 a 150 dias e o filhote costuma nascer no final da estação seca. Ele mama durante um longo período, permanecendo dependente da mãe pelo menos um ano, até aprender a se alimentar sozinho.

Ele nunca acaba com a população do formigueiro

Um tamanduá-mirim adulto come até 9 mil insetos por dia, ou aproximadamente 1,5 kg de formigas e cupins. Eventualmente pode comer abelhas e larvas de besouros, mas normalmente concentra-se em umas poucas espécies de formigas e cupins, sendo que animais de regiões diferentes podem ter preferências alimentares diversas. A forma de comer assemelha-se à dos demais tamanduás: o mirim também tem uma língua comprida e extensível e saliva pegajosa. Ele enfia a língua no formigueiro ou cupinzeiro, os insetos grudam e ele os recolhe para a boca, cuja abertura

não ultrapassa o diâmetro de um lápis.

A refeição de um tamanduá nunca acaba com um formigueiro ou cupinzeiro. Ele se alimenta por períodos curtos e depois muda para outro ponto, permitindo às colônias de insetos se recuperarem rapidamente. De tempos em tempos, ele volta ao mesmo lugar para mais um repasto breve. É uma estratégia instintiva para garantir comida em seu território, mas soa também como um recado conservacionista para o homem: se o deixássemos em paz, ele se viraria bem sozinho, em seu ambiente. 🍌

PARA SABER MAIS:

Visite o site do Projeto Tamanduá
www.tamandua.org.br

AGRADECIMENTOS:

- Ao Zoológico de Sorocaba pela autorização para fotografar os animais mantidos em suas instalações, incluindo o exemplar retratado na capa.
- A Adauto Neves, pelo apoio na realização das fotografias referidas.
- A Flávia Miranda, do Projeto Tamanduá, pelo apoio na realização desta reportagem.